

ENTREVISTA COM HAMILTON MOURÃO

PEDRO FREIRE/CORREIO DA MANHÃ



Mourão: “Freire Gomes quis preservar o Exército, do qual era comandante”

“Comandante do Exército que disse não a Bolsonaro não foi covarde”

Em entrevista, ex-vice-presidente da República dá a sua versão sobre se houve tentativa de golpe

Por **Rudolfo Lago e Tales Faria**

Quando o então presidente Jair Bolsonaro reuniu-se com os comandantes militares e outras pessoas para tratar de uma reação ao resultado das eleições de 2022, no qual ele foi derrotado e eleito o hoje presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o hoje senador Hamilton Mourão (Republicanos-RS) praticamente já não mais tratava dos assuntos políticos do governo. Mourão, então, afirma não saber exatamente o que teria sido tratado nessas reuniões. Ele, porém, não considera que o que houve tenha sido uma tentativa de golpe. E rebate, então, os termos do livro “Eu Disse Não – Uma Trincheira Antigolpista”, do brigadeiro Baptista Júnior, que refirma a tentativa de golpe e sua negativa em participar.

Apesar dessa posição, Mourão, no entanto, discorda das avaliações feitas à época pelo general Walter Braga Netto, que Bolsonaro substituiu por ele nas eleições como candidato a vice-presidente. Braga Netto usou um palavrão para dizer que o então comandante do Exército, general Freire Gomes, teria sido covarde ao se negar, como também fez Baptista Júnior, a qualquer discussão que tivesse, na avaliação dele, uma conotação de ruptura institucional. “Freire Gomes não foi covarde”, diz Mourão. “Ele procurou preservar a instituição, o Exército, do qual ele era comandante. Ele agiu corretamente”. Leia abaixo a entrevista:

“*Naquele momento, o presidente perde a eleição e se irressigna, não se conforma com o resultado. Imaginou que pudesse haver algum tipo de fraude, quando na realidade não havia*”

O brigadeiro Baptista Júnior, ex-comandante da Aeronáutica, está lançando um livro em que reafirma ter havido no país uma tentativa de golpe de Estado. O senhor estava também lá. Era o vice-presidente da República. Qual é a sua sensação sobre o que aconteceu? Houve ou não uma tentativa de golpe?

Tentativa de golpe eu considero que seja algo que tenha uma execução em si e ela falha. Como, por exemplo, no Brasil em 1956, a tentativa de impedir que Juscelino Kubitschek assumisse a Presidência, o golpe em Jacareacanga. Isso é uma tentativa efetiva. O pessoal foi para a rua, não teve apoio e deu com os burros n'água. Ou, na Venezuela em 1992, com Hugo Chavez. Atacou a residência do presidente da República, o palácio de go-

verno, não teve apoio e acabou preso.

Diferente do que aconteceu aqui, na sua visão?

Na minha visão, naquele momento ali, o presidente perde a eleição e se irressigna, não se conforma com o resultado. Imaginou que pudesse haver algum tipo de fraude, quando na realidade a gente viu que não havia.

Mas, então, ele procura os comandantes militares, faz reuniões...

Aí, eu não estava. O presidente tinha me alijado ali das decisões governamentais. Então, eu não tomei conhecimento de nenhuma daquelas reuniões. Não participei de nenhuma daquelas conversas, daquelas reuniões, não estive presente em nada. O brigadeiro Batista Júnior, não quero polemizar com ele, porque eu acho muito feio dois oficiais gerais de forças diferentes ficarem polemizando, mas ele está querendo colocar escrevendo um livro sobre algo que só ele viveu. É a opinião dele que ele está colocando nesse livro. Eu só acho que o timing não está bom, lançar um livro com esse conteúdo nas vésperas da eleição, quando nós temos um candidato com o sobrenome Bolsonaro.

O senhor não participou. Mas como avalia as conversas?

Volto a dizer: houve essa irressignação do presidente. Chegaram à conclusão de que não tinha como dizer que a eleição tinha sido fraudada e,

“*O presidente tinha me alijado ali das decisões governamentais. Então, eu não tomei conhecimento de nenhuma daquelas reuniões. Não participei de nenhuma daquelas conversas*”

no final das contas, foi cada um para o seu canto. Agora, nesse meio-tempo, trocaram mensagens, que foram a base das condenações. Aconteceram ali ofensas que a gente terminou por ver por meio das redes sociais? Foram momentos ruins, tá?

O senhor nunca teve nenhuma conversa nesse sentido político com Bolsonaro após o resultado das eleições?

Eu conversei duas vezes com o presidente Bolsonaro, naquele período. E pedi para ele três coisas. Que ele reconhecesse a derrota e que criticasse o árbitro. Porque o árbitro, o TSE sob a presidência do Alexandre Moraes, foi parcial. Que retirasse aquele pessoal da frente dos quartéis, que não era local de fazer aquele tipo de manifestação. E que passasse a faixa para Lula.